

### **Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

1. A atual guerra mundial, caracterizada por operações de terror em nível global é o maior desafio que o jovem do século XXI enfrenta e é muito provável que o seu desenrolar se prolongue ao longo de um tempo muito longo, com poucas probabilidades de emergir um lado vencedor.
2. Trata-se de uma guerra de desgaste profunda em que uma religião, o Islã, declarou guerra ao Mundo Ocidental, mas também ao Mundo Ortodoxo, sendo os alvos maiores os Estados Unidos, a Rússia e, depois, a Europa, existindo alvos secundários na maior parte do mundo, como a Turquia, a Indonésia ou as Filipinas.
3. As causas do desencadeamento desta guerra são muito complexas e, muito embora, ela não seja travada pela totalidade do Islã, é travada em seu nome, por grupos minoritários extremistas, organizados em nível internacional.
4. Como veremos, no decurso destas considerações, o Islamismo Fundamentalista e Radical é um movimento regressista, completamente divorciado do mundo moderno e refratário ao processo de modernização, muito embora, no terreno da prática, saiba perfeitamente utilizar os métodos de destruição mais avançados.
5. Todavia, não podemos fixar nossa atenção somente sobre o fundamentalismo radical muçulmano. Outros grupos fundamentalistas, quer nos Estados Unidos, em especial a direita “survivalista”, quer na Europa, com o recrudescimento de um neo-nazismo e a volta do anti-semitismo, indicam que o Fundamentalismo é algo mais vasto e não se restringe ao mundo islâmico.
6. Aqui mesmo, na América Latina e, em especial no Brasil, existem grupos fundamentalistas. Na área andina, estão representados pela emergência dos grupos indígenas que ainda cultivam e mantêm laços culturais com as antigas civilizações ou culturas tribais pré-colombianas. Suas ações de desestabilização e, até mesmo, de derrubada de governos, como ocorreu no Equador, nos dá conta de sua importância, não bastasse a problemática dos indígenas na Bolívia, que podem afetar, no médio prazo, o próprio fornecimento de gás para o parque industrial brasileiro.
7. Dentro de nossas fronteiras, o chamado movimento dos sem terra e o auto denominado Partido dos Trabalhadores, todos com enorme envolvimento da Igreja Católica, são exemplos de fundamentalismo, primitivo, utópico, milenarista e autoritário.
8. Emerge, ainda, neste quadro que estamos delineando em suas linhas as mais gerais, outros problemas, de ordem global e que são preocupantes. O primeiro deles é o problema americano. Nunca se viu, durante o processo de expansão cultural européia, iniciado no século XV e que culminou no século XIX com os grandes impérios inglês e francês, uma reação tão visceral, de tanto ódio, de tanto ressentimento, como, agora, se observa com relação aos Estados Unidos. Poucos comentaristas tem-se detido neste aspecto de nossa época. Por que os Estados Unidos são definidos, pelos radicais islâmicos, por exemplo, desde a Revolução Fundamentalista do Irã, como “O grande Satã”? O que significa, na ordem racional das relações internacionais, a introdução do conceito da demonologia, como forma de expressão política? Isto não estaria superado

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

com o final da Inquisição? Mas, o Islã trouxe, por seus radicais, esta concepção mítica de volta para o discurso político e para as relações internacionais, o que, de parte dos Estados Unidos, foi secundado, com o discurso do “Império do Mal”, naturalmente que contra um “Império do Bem”. Aparentemente, voltamos aos auge dos tempos bíblicos, e de Zoroastro, com suas concepções sobre uma luta eterna e sem quartel entre dois princípios diretores do Universo.

9. Como complicador extra desta dimensão Universal, a Globalização tomou conta do mundo e das relações entre os países da Terra. E, aparentemente, esta Globalização, um fenômeno de cultura, de comércio e de finanças, tem como motivador e ganhador os Estados Unidos, seguido pela Europa.

10. Assim, no momento mesmo em que o mundo, pela ampliação dos laços de trocas e de pasteurização e homogeneidade culturais, se encaminhava para uma Era Global, em que a paz parecia possível e a convivência dentro de padrões altamente civilizados, se apresentava no horizonte, tudo parece desandar para um barbarismo sem igual, em que o atentado na Ossétia do Norte, perpetrado por terroristas muçulmanos, elevou o grau de barbárie a um ponto em que não se esperava ver, nem remotamente.

11. O final da União Soviética faz sentir, assim, seus efeitos, criando um vácuo de organização e poder que mantinha, no Cáucaso, nos Balcãs e na Ásia Central, uma certa ordem, uma certa estabilidade, que, agora, definitivamente, se evaporaram.

E, não estamos citando a antiga União Soviética por acaso. Pelo contrário. Devemos ter bem em conta que ao invadir o Afeganistão, em 1979, a ex-URSS deu início a uma Jihad, a uma Guerra Santa e isto, por um acaso histórico, se deu bem no momento em que o aiatolá Khomeini conseguia implantar, no Irã, o seu regime teocrático e fundamentalista.

Assim, dois grandes acontecimentos históricos colocam, em primeiro plano, a questão do fundamentalismo radical islâmico:

1. O Afeganistão
2. O Iran

A guerra que Sadam Hussein desencadeou, logo em seguida, contra o Iran, vai frear a capacidade de atuação dos aiatolás no front afgão.

Entretanto, estabelece-se uma rede internacional de apoio aos combatentes fundamentalistas (e outros, em minoria, nacionalistas). Esta rede é sustentada por dinheiro e apoio logístico-militar pelos seguintes países:

1. Arábia Saudita
2. Paquistão
3. Estados Unidos da América
4. República Popular da China

Estes são os países responsáveis pelo Talibã e, indiretamente, pela posterior fundação da Al Qaeda.

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

Na época, tratava-se de enfrentar a União Soviética e derrotar o comunismo. Era plena 3ª Guerra Mundial, a chamada “Guerra Fria”.

Os fundamentalistas muçulmanos, viam na cruzada contra a União Soviética, nada mais nada menos, do que a continuação das campanhas contra os infiéis “adoradores da cruz” que, como infiéis que eram, agora tinham-se tornado “ateus e materialistas”.

Em suma, estava viva, na memória do Islan, na Ásia Central e em outros locais, a expansão do Império Ortodoxo Russo, que combatia por uma fé contrária aos Islamismo. Pior ainda: agora, este Império tinha se tornado ateu e pregava abertamente a existência da divindade. Era necessária, mais ainda, uma “guerra santa”.

Para auxiliar esta guerra, contaram com o apoio dos fundamentalistas do Paquistão (que quer dizer “terra sagrada”), da seita puritana dos waabitas sauditas e dos americanos e chineses, estes num outro prisma, de contenção da expansão do poder soviético.

Desfeita a aliança, com a saída da ex-URSS do Afeganistão e, posteriormente, com a dissolução da União Soviética, os fundamentalistas se voltaram contra os Estados Unidos, da mesma forma que a Igreja Católica declarou o capitalismo seu maior inimigo. Em suma. As alianças da 3ª Guerra Mundial se desfizeram e uma tremenda realocação se fez em toda a arte, culminando, em 2001, primeiro ano do século XXI, com o início da Quarta Guerra Mundial. Esta nova guerra, que não se sabe quando e nem como irá terminar segue o princípio clássico de Sun-Tzu, na luta do mais fraco contra o mais forte, deve-se enfatizar o emprego da agressão psicológica no mais alto grau, para provocar uma ruptura profunda na moral do inimigo, já que entende-se que a desagregação moral (e psico-social) é mais vantajosa que a desarticulação nos planos tático-estratégico. A brutalidade dos fundamentalistas chechenos na Ossétia do Norte está, perfeitamente, explicada.

12. Mas, queremos buscar explicações mais amplas e mais profundas e procurar, nesta palestra, entender o que os muçulmanos entendem por visão de mundo, como ordenado pelo Alcorão e por suas leis (a Sharia).

Assim, entenderemos, igualmente, qual o seu plano político-estratégico, ao implementarem o fundamentalismo radical.

13. Devemos entender que:

No Islan, o mundo está dividido em dois domínios, o Mundo do Islan, propriamente dito (Dar-al-Islan), onde reina, ou deve reinar, soberana a Lei do Islão (a Sharia) e o outro domínio, chamado precisamente de O Mundo da Guerra (Dar-al-Harb) que compreende todo o resto da Humanidade que não segue a Lei do Islan. Este restante do mundo, segundo a norma Milenarista do Islan, deve ser dominada, necessariamente, pelo Islan, a quem está destinada uma enorme vitória final. O que não pode existir, por ser contrário ao mandamento do deus, conforme revelado por Maomé, é este “estado de indeterminação”, portanto, o normal é a guerra de conversão, embora se possam admitir paralisações ou tréguas, estas são, apenas, parte da grande estratégia de domínio mundial pela “verdade revelada no Alcorão”.

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

O mais que se admite é a existência, no futuro, de um Mundo de Reconciliação (Dar al-Sulh), onde as soberanias não-muçulmanas podem gozar de uma certa autonomia (algo assim como “protetorados”), onde existam judeus, cristãos e outros “povos de livros”, mas dentro da Suzerania de um Império Muçulmano Mundial.

Eles acreditam, piamente, nesta ordem mundial futura e vão fazer tudo o que puderem fazer para que isto seja transformado numa realidade.

Eles vivem, assim, num estado de “guerra permanente”.

E por que isto?

Porque não podem conceber a existência do “infiel”. A palavra, para nós tão banal, mas que significa, na verdade, muito para os fundamentalistas radicais.

O infiel é muito gentil, um pagão, um bárbaro.

Por que? Porque eles consideram que os que são infiéis, vivem no estado de “Jahiliyya” ou seja, um estágio primitivo, de uma barbárie moral igual a que existia na península arábica, antes da revelação de Maomé, quando os árabes adoravam deuses e a arte mágica, por suas estátuas, pedras e fontes sagradas e outras crenças próprias dos, como dizemos em latim, paganni, isto é, pagãos.

E pagão quer dizer bárbaros. E bárbaros devem ser civilizados ou exterminados, se recusam abrir seus olhos par “a verdade”.

Tal é, pois, a base do fundamentalismo radical: um mundo dividido entre o já salvo para o Islan, verdade absoluta e o mundo que deve ser conquistado para o Islan, pois vive nas trevas da barbárie e da idolatria...

14. O analista Yossef Bodansky, em seu livro sobre Bin Laden nos lembra que o xeique Salman bin Fahd al-Udah, da Arábia Saudita pregava uma intensa Jihad (guerra santa) para limpar e rejuvenescer a Nação Muçulmana (o Islan).

Diz ele:

“É a morte que dá a vida, sim, é a jihad por amor a Alá o destino obrigatório desta Nação. De outro modo, será a extinção. Se a Nação Muçulmana abandonasse a Jihad e a ignorasse, Alá a golpearia e a puniria, colocando-a em posição inferior entre as Nações. Como o Profeta diz – paz e bençãos desçam sobre ele - `se você abandonar a Jihad e ficar satisfeito cuidando de plantas, então Alá o fará inferior entre as Nações, e você não será capaz de se destacar até que retorne a sua religião e declare a Jihad por amor a Alá. `Udah preveniu que a rejeição do significado original de Jihad – uma inflexível luta armada - em favor de interpretações mais modernas, ou seja outras formas não-violentas de ação, também era perigosa para a sobrevivência do Islan: a abolição da Jihad por amor a Alá, disse, sua rejeição, a recusa em acreditar nela como parte de nosso credo islâmico é apostasia e torna a pessoa estranha ao povo do Islan, porque Alá, o todo-poderoso nos ordenou, no Corão, claramente e sem nenhuma ambiguidade, fazer a Jihad e isso foi mencionado no nobre Hadith autenticado, e o Islã nunca poderá ser instalado e sustentado sem a Jihad... O texto, chamado “A Arte da Morte”

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

teve importância de um Fatwa, ou seja, decreto religiosos... (Yossef Bodansky – Bin Laden: o homem que declarou guerra à América, Prestígio Editorial, Ediouro, São Paulo, 2001, p. 170).

15. Sobre este ponto de interpretação sobre o significado da Jihad, como visto pelos fundamentalistas radicais, vale a pena recordar a importante observação de Spengler, que dizia que a cultura árabe era uma pseudo-morfose, isto é, uma civilização que não tinha se realizado:

“Mas, para a Humanidade mágica, deriva do sentimento deste tempo e da visão deste espaço uma piedade muito particular, que pode ser igualmente qualificada de cavernal; uma entrega abúlica, a ignorar por completo o eu espiritual... a palavra árabe que expressa tal idéia é o Islan, o abandono... Mas o Islan é precisamente a impossibilidade de um eu como força livre perante o Deus. Qualquer tentativa de opor-se à ação do Deus como uma intenção ou apenas uma opinião própria seria “Masija”, isto é, não uma vontade má, mas a prova que as potências das Trevas e do Demônio se apossaram de uma pessoa, expulsando dela o elemento divino... a consciência mágica é, unicamente, o cenário onde se desenrola a luta entre os dois poderes. Não é uma potência em si. Nessa maneira de encarar os acontecimentos do mundo, não há tampouco causas e efeitos singulares. E, sobretudo, falta nela um encadeamento causal-dinâmico, a dominar o Universo. Por isto, desconhece-se o nexos necessário entre a culpa e a punição, tanto como a pretensão de uma recompensa. Não existe “justiça”, no sentido tradicional israelita...” (Oswald Spengler, A Decadência do Ocidente: um esboço de uma morfologia da História Universal – Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1964, p.330).

Podemos observar que os radicais fundamentalistas, ao manipularem conceitos como este do “Masija”, entre outros, penetram fundamente na mentalidade mágica do árabe, principalmente, tangendo-o para a guerra santa e afirmando que outra opinião é, com certeza, coisa do Diabo...

16. Este “abandono ao deus” e a falta de uma personalidade livre perante o Deus é que nos faz entender o ato de martírio, os esquadrões-suicidas e, juntamente com o conceito de “Jahiliyya”, isto é, a certeza de todos os não muçulmanos serem pouco mais do que bestas bárbaras que vivem nas trevas (com certeza, entregues aos cultos aos demônios..), faz com que não tenham, também, qualquer consideração por infiéis, de qualquer sexo ou idade.

17. Para entendermos, com mais clareza, ainda, os objetivos estratégicos desta dominação mundial, como visão dos radicais fundamentalistas, vejamos o seguinte trecho de um comunicado da “Frente Islâmica Internacional”, depois dos ataques com caminhões-bomba contra Embaixadas Americanas na África:

“A Ummah (ou seja, a comunidade) muçulmana encontra-se em constante estado de Jihad física, financeira e verbal contra os Estados terroristas da América, Israel, Sérvia, etc. Podemos prever que este é o início de mais um derramamento de sangue e mais mortes, se os Estados Unidos continuarem a ocupar terras muçulmanas e a oprimir os muçulmanos no Golfo e em outros lugares. Os muçulmanos jamais descansaram até que sua terra seja libertada dos

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

invasores e das autoridades e a autoridade para governar seja tirada dos títeres tirânicos e autoneameados dos países islâmicos, como Mubarak, no Egito, Fahd na Arábia, Zirwal na Argélia Kadafi na Líbia, etc e restituída aos Muçulmanos. A luta dos países muçulmanos contra os regimes continuará até que o mundo Califado seja restabelecido e a Lei de Deus domine o mundo.” (Bodansky – Bin Laden – p. 336).

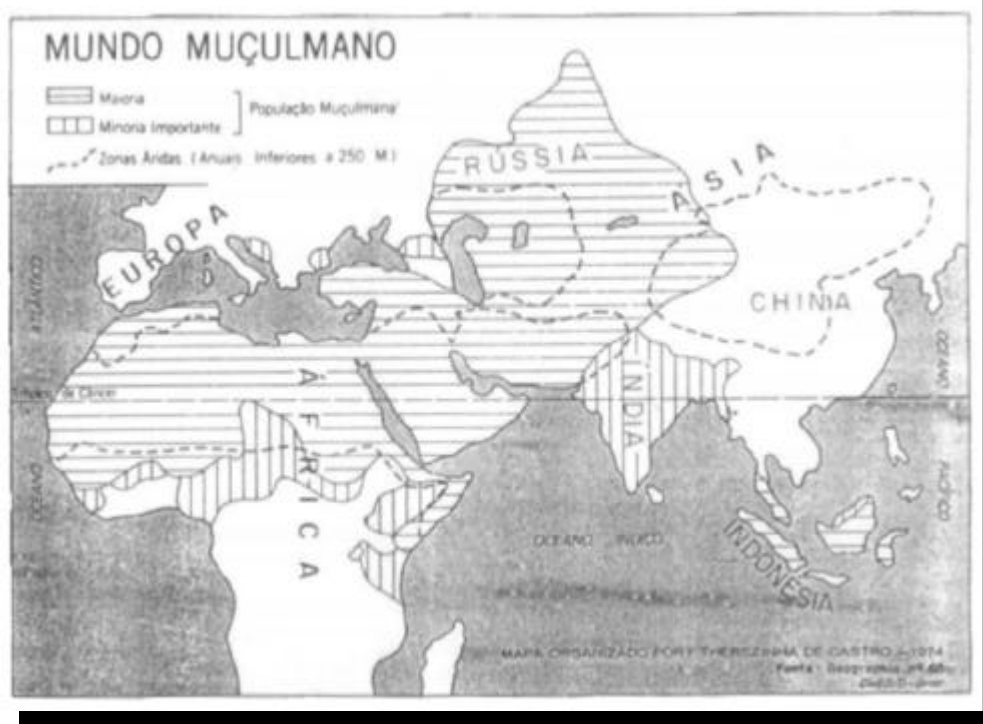
Pode-se verificar que só os regimes religiosos (teocracias islâmicas, emirados muçulmanos, etc), são aceitáveis e considerados legítimos. O mais é perversão e abre caminho para a mais detestada de todas as palavras: a modernização. Isto porque, o Alcorão é uma verdade revelada, uma única vez e para sempre e as Leis são feitas em caráter sagrado, de acordo com este mesmo Alcorão. Assim, para o fundamentalismo, o tempo é suspenso, paralisado, eternizado num só momento, o da revelação, o qual deve ser imposto ao mundo inteiro, pelo Califado Universal.

18. Uma visão do mapa mundial, com as regiões ocupadas na totalidade ou com minorias muito significativas pelos Muçulmanos, nos mostra, exatamente, o seu caráter universal.

O Islan está presente na África, na Arábia e Oriente Médio (inclusive na Ásia Menor), em todo o sul da Ásia, incluindo as ilhas (Indonésia, Filipinas, etc.) e se espalha pela Ásia Central, atinge o Cáucaso, penetra na China... É, atualmente, das religiões com maior crescimento percentual, em especial na África, para onde marcha em direção ao sul de forma acelerada, entrando em choque com as missões cristãs, tanto católicas como protestantes.

Por outro lado, existem minorias muçulmanas em toda a Europa, na América do Norte e aqui mesmo, em especial na Tríplice Fronteira.

Observar o mapa, do Atlas de Relações Internacionais do IBGE (n.º 30):



ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

19. Esta visão de um Califado Universal pode parecer, portanto, factível aos extremistas muçulmanos radicais, ainda mais que a massa de sua população só conhece o seu mundo e, muito importante, por via das peregrinações, chega a pé ou em pequenos barcos, até os locais sagrados em Meca e Medina. Para os habitantes da Eurásia-África, em especial África do Norte pode parecer que, na realidade, todo o mundo está a seu alcance. Os meios modernos de infiltração, por outro lado, permitem aos radicais se espalharem por todos os continentes e países.

Ainda durante a nossa primeira conferência sobre o problema do Terror Global como sendo uma Quarta Guerra Mundial, lembrei que o sistema terrorista Internacional iria terminar por se valer de todas as redes mundiais, no intuito de acobertar suas atividades e realizar infiltrações.

Afinal, como vemos pela visão de mundo do fundamentalismo radical, tudo é válido, quando se trata de matar infiéis.

Assim, lembrei que as redes de traficantes, de lavagem de dinheiro das máfias e, até mesmo, as redes internacionais de prostituição masculina e feminina, seriam utilizadas pelo terror.

Se detectadas, estas atividades seriam tomadas como ilícitas ou até criminosas, mas não como terroristas.

Isto hoje já é realidade.

Prostitutas, na Europa e quem sabe em outros locais já estão sendo aliciadas pelo terror islâmico radical, para darem cobertura para a infiltração de agentes terroristas no território europeu.

A seguinte notícia, publicada no “O Estado de São Paulo”, de 19 de abril do corrente ano (2004), nos dá conta deste gravíssimo problema.

## TERRORISMO

### Terror se aproveita de brasileiras na Suíça, diz jornal.

Segundo `Le Matan´, supostos terroristas casam com prostitutas residentes para ficar no país.

JAMIL CHADE

Correspondente

Genebra – Prostitutas brasileiras podem estar sendo usadas para facilitar a permanência de supostos terroristas islâmicos em território suíço, revelou ontem o jornal *Le Matin*, um dos principais da língua francesa da Suíça. Segundo o jornal, prostitutas estão sendo contratadas para casar com supostos terroristas, o que garantiria a estes vistos para viver na Suíça. Entre estas prostitutas haveria brasileiras que, por já estarem no país há anos, têm visto de residência e podem cumprir o papel de legitimar a permanência de um estrangeiro.

O jornal informa que a denúncia foi feita por uma ex-prostituta brasileira, identificada apenas como Linda. Segundo ela, outras mulheres que vivem em Genebra são contatadas para casar com cidadãos de Bangladesh e recebem o equivalente a

R\$100 mil pelo contrato. As prostitutas seriam levadas a Daca, capital de Bangladesh, onde formalizariam e voltariam com os supostos maridos para a Suíça. Obtido o visto de residência, os maridos desapareceriam.

A brasileira diz ter decidido fazer a denúncia depois que foi ameaçada de morte e espancada por se recusar a assinar o contrato de casamento. Ela contou que outra colega sua do Brasil descobriu grande quantidade de armas na casa do futuro marido. Com medo, a mulher teria fugido e voltado ao País.

Segundo a polícia, cerca de 130 casamentos falsos já foram identificados em Daca entre 2000 e 2002. Além dos casamentos em Bangladesh, cerca de 200 outras uniões foram celebradas entre pessoas com visto de residência na Suíça e cidades da Índia, Paquistão, Malásia e Filipinas. Linda disse que o homem de contato é um muçulmano que vive em Zurique.

Para a polícia, o mecanismo poderia estar sendo usado por terroristas para infiltrar-se na Suíça. A denúncia da brasileira chamou a atenção da polícia suíça diante das informações de que Bangladesh teria se tornado refúgio para combatentes do Taleban depois da invasão americana no Afeganistão.

O ESTADO DE SÃO PAULO

19-04-2004

20. Observamos, assim, que a invasão do Afeganistão, como agora a do Iraque, terminam por deslocar ou despoletar outros focos de nucleação e espraiamento dos radicais islâmicos.

O que queremos deixar claro, algo aliás que é o pensamento de filósofos árabes e muçulmanos, é que a Jihad e o fundamentalismo tem um enorme poder de atração e fazem parte de uma parte considerável da mentalidade e da tradição islâmica.

Isto se acentuou, agudamente, na seguinte conjuntura:

1. Falência do Pan-Arabismo Nasserista e outras correntes Pan-Nacionalistas;
2. Falência do chamado “marxismo-árabe” ou “socialismo-islamita”
3. Emergência da riqueza do petróleo e
4. Surgimento e engolfamento do mundo islâmico pela Modernização, pela via poderosa da Globalização.

21. Qual a razão que leva a tal estado de imobilismo e de tentativa de manter o atraso, de voltar ao passado? Como já vimos, é próprio da religião revelada. Só não vige mais no Ocidente porque o Poder Civil se firmou afastando a Religião do comando da administração e da administração da Justiça. No Islã, porém, tudo isto é uma e mesma coisa, mesmo hoje, na visão dos fundamentalistas, que querem, também, é bom recordar, a destituição dos ditadores militares, dos caudilhos e até mesmo dos xeiques e reis. Para valer só a Teocracia.

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

O professor Mohammed Abed al-Jabri, da Universidade de Rabat, no Marrocos, muito nos elucida, em seu penetrante ensaio “Introdução à crítica da razão árabe”:

“o que é, exatamente, a razão árabe? O conjunto de regras e princípios de que procede o saber na cultura árabe. Esses princípios não remontam à época em que em geral a consciência árabe considera como suas origens, a época ante-islâmica (jāhiliyya), mas sim a outra época em que foi reproduzida a herança cultural dos árabes do período ante-islâmico e dos primórdios do Islan para constitui-la como “tradição”, isto é, como quadro referencial a partir do qual se daria o olhar dos árabes sobre as coisas, o Universo, o homem e a história, ou seja, a Época da Codificação (asr al-tadwin), que situa-se nos séculos II / VIII e III / IX. Neste quadro se define a consciência árabe, tanto em sua maneira de pensar seu passado quanto em seu desenvolvimento ulterior.” (p. 15/16).

Ponto fundamental, portanto: houve uma cristalização de visão do mundo, que o imobilizou, por volta do nossos séculos VIII e IX, efetuado de forma artificial, baseado no que se supunha fosse a tradição mais antiga e esta codificação cristalizada foi instituída para ser uma forma de ver o mundo, a humanidade e o Universo, de forma permanente, sem possibilidade de superação, modernização ou, pior ainda, evolução.

22. Al-Jabri volta a nos esclarecer sobre o ponto-chave que explica, muito bem, a tendência suicida, o martírio pela causa do Islan:

Diz ele: “entre as ordens cognitivas do Islan está a indicação, que representa a estrutura principal dentro da razão árabe. O texto (o Corão) é, ao mesmo tempo, o objeto e o regulador do exercício da razão indicacional... toda a Verdade tem sua justificação no Texto, mais do que na razão. Daí a prática da analogia... a visão indicacional adota o dogma da criação ex nihilo, e entende o mundo, o espaço e o tempo como partículas descontínuas permanentemente tramadas pela providência divina. A partir daí, não há nenhum laço necessário entre as coisas, nenhuma casualidade; tudo é contingente, ocasional, o homem só age enquanto paciente (p. 17)

Isto é tremendo: significa que o homem e os acontecimentos históricos são permanentemente construídos pela ação direta de Alá, que age a todos os instantes, sendo os homens, nada mais nada menos, do que seus agentes. Por isto as autoridades russas são os reféns capturados como já mortos. Com tal visão de mundo, é impossível negociar. Com efeito, se alguém tivesse uma idéia diversa do martírio para o qual marcha conscientemente, estaria tomado pelas forças demoníacas, teria perdido a “razão árabe” e seria morto pelos próprios companheiros.

Não há, dizem eles, nenhum nexos de causalidade... Seria o “maktub!, o fatalismo, o que está escrito ou prescrito. Muito pouco resta para a ação racional, assim, quando o conflito é, precisamente, religioso e, pior, radical e fundamentalista!

Diz mais, Al-Jabri:

“como ordem cognitiva concorrente, existe na ideologia árabe a “Iluminação”... a apreensão da Verdade não ocorre através de regras filológicas ou jurídicas, mas sim no “interior” do homem. A cultura

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

debruça-se sobre o Texto para conhecer os “sentidos ocultos”, que são reflexos da Verdade depositados em seu Ser, o qual deve aniquilar-se para o mundo a fim de alcançar a sua origem. Assim como o sentido aparente (zahir) é apenas o véu do sentido oculto (batin), a razão é apenas o véu do coração, único depositário do conhecimento. Daí o pensamento... encontra sua realização na ascensão espiritual (miraj). “ (p. 17).

Mais terrível ainda! A Verdade é uma “iluminação”, que vem de uma filosofia hermética e emana no interior do indivíduo que o leva a procurar a razão última que é a ascensão espiritual. Isto, naturalmente, é transposto para a cartilha terrorista na forma de ascensão espiritual pelo martírio, e o nome de Jihad e por amor a Alá...

23. Além destes aspectos que colocam o pensamento fundamentalista ao lado de uma trama tecida no dia a dia pela divindade, da qual os homens são meros joguetes e, pelo suicídio, ascendem ao plano espiritual, isto outra razão muito forte para esta atitude negativista face ao mundo moderno.

Diz Ajabri:

“nós, por nosso lado, julgamos que este ponto de vista não leva suficientemente em conta a especificidade dos problemas colocados pela cultura árabe. Com efeito, o que a distingue, desde a época da codificação até o dia de hoje é o fato de sua dinâmica interna não se exprimir na produção de discursividades novas, mas sim na reprodução do antigo; A partir do século VII da Hégira, interrompeu-se esta atividade de reprodução para dar lugar a um estado de inércia, de repetição, de recuo. Desde então se estabeleceu na cultura árabe-islâmica o que chamamos de uma compreensão da tradição encerrada na tradição, ainda hoje dominante...” ( p. 28 de Introdução à Crítica da Razão Árabe, Editora UNESP, São Paulo, 1999 ).

Como vemos o problema é grave, pois é toda uma cultura, toda uma civilização que não quer mudar e, não mudando, vai se tornando cada dia mais inferiorizada em relação ao processo de modernização contínua e de Globalização, que é a marca da Civilização Ocidental, que assim, mais e mais supera e marginala o mundo muçulmano, alimentando, neste processo, o ressentimento e a agressividade que levou ao desencadeamento desta Guerra de Terror Global.

24. Outro estudioso muçulmano, o professor Fazlur Rahman, da Universidade de Karachi, no Paquistão, nos informa que:

“o Islamismo tal como realmente acreditado e praticado pela maior parte de seus adeptos, seria certamente ameaçado pelo progresso moderno da ciência e do pensamento... estamos hoje, como antes, a precisar de uma teologia ( ilm al-kalam ) moderna, a partir da qual possamos refutar doutrinas ou ciências modernas, ou minar-lhes as bases, ou mostrar que estão em conformidade com o Islamismo. Se decidirmos propagar estas ciências entre os muçulmanos, das quais acabei de dizer que discordam com o Islamismo de hoje, nesse caso é meu dever defender, tanto quanto possível, a religião do Islan, com ou sem razão, e revelar às pessoas a

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

face brilhante do Islamismo. A consciência diz-me que se não o fizesse, seria um pecador perante Deus.” ( Rahman – O Islamismo, Editora Arcádia, Lisboa, 1970, p.295 ).

Uma maneira de pensar terrível, que é atribuída por Rahman ao pensador muçulmano, muito influente, Sayyid Ahmad Khan.

25. É importante comparar estas posições com a profunda reflexão de Toynbee, feita em 1950, no ensaio “O Islan, o Ocidente e o Futuro”. Diz Toynbee, que o Islan estava procurando formar um Império Universal, quando entraram em choque com o Ocidente e foram contidos, quer na Espanha, na Itália ou os limites dos Balcãs. Isto levou a um desafio ao Islan que:

“toda a vez que uma sociedade civilizada se encontra nesta perigosa situação frente a outra, dois caminhos alternativos se encontram abertos diante delas para responder ao desafio e podemos ver claros exemplos de ambas as espécies de resposta na atual reação islâmica contra a pressão ocidental. É tão legítimo como conveniente aplicar à presente situação certos termos que foram criados quando se apresentou uma situação similar no encontro das antigas civilizações da Grécia e da Síria. Sob o impacto do Helenismo, durante os séculos que precederam a Era Cristã, os judeus, os iranianos e os egípcios se dividiram em dois partidos. Alguns se fizeram Zelotes e outros Herodianos. O Zelote é o homem que foge do desconhecido refugiando-se no familiar. Quando ele trava combate com um estrangeiro, que usa uma tática superior e emprega armas de recente invenção Zelote, quando sente que leva a pior no combate travado, reage praticando sua própria e tradicional arte da guerra com uma exatidão anormalmente escrupulosa. O Zelotismo, de fato, pode ser descrito como um arcaísmo suscitado pela pressão exterior e seus mais conspícuos representantes, no Islan contemporâneo, são puritanos, como os senussitas da África Central e os Waabitas da Arábia Central...” (p. 180/181 do capítulo 10º de “A civilização posta à prova, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1953).

Já sobre o problema dos ditos herodianos, diz Toynbee:

“o herodiano é o homem que atua baseando-se no princípio que a melhor maneira para proteger-se dos perigos do desconhecido é conhecer seus segredos. Quando ele se encontra na conjuntura de enfrentar um adversário mais hábil e melhor armado, o Herodiano reage abandonando sua tradicional arte da guerra, aprendendo a combater o inimigo com sua própria tática e suas próprias armas. Se o Zelotismo é uma forma de arcaísmo, suscitado pela pressão estrangeira ao Herodianismo é uma forma cosmopolitana provocada por este mesmo agente exterior... é evidente que o Herodianismo é, sem dúvida, a mais eficaz das duas respostas alternativas que podem ser provocadas numa sociedade que teve que passar à defensiva em virtude do impacto de uma força alienígena mais poderosa. O Zelotismo procura refugiar-se no passado, á maneira da avestruz que enterra a cabeça para esconder-se de seus perseguidores. O Herodianismo encara corajosamente o presente e sonda

o futuro. De fato, o Herodianismo deve fazer um esforço conjugado de inteligência e de vontade de vencer o impulso Zelote, que é a primeira reação espontânea normal da natureza humana frente ao desafio... tornar-se Herodiano já em si uma prova de caráter, embora não seja um caráter amável....(p. 186).

26. Se fizemos estas citações extensas é para mostrar que tanto Spengler quanto Toynbee, dois grandes teóricos das sínteses da história universal, estavam atentos, em seu tempo, ao problema do choque entre o Ocidente e o Islan. E observamos, igualmente, que suas observações são não só penetrantes como atuais, em especial a colocação da guerra aberta, pelo método Zelote ou Herodiano, que o Islan deflagrou contra o Ocidente, neste início do século XXI.

É para evitar este desastre, minorar seus efeitos e procurar uma saída, que o já citado Mohammed Abed Al-Jabri comenta sobre a necessidade de o Islan abandonar sua posição de enfrentamento e procurar uma solução modernizante.

Diz ele que o Islan deve procurar a Modernidade:

“a modernidade pela modernidade é uma idéia absurda. A Modernidade é uma mensagem e um ímpeto inovador, cujo objetivo é renovar as mentalidades, as normas do raciocínio e da apreciação... a modernidade tal como se define em nossa situação presente, é, ao mesmo tempo, o Renascimento, o Iluminismo e a superação destas duas etapas. Todas as expressões da modernidade, para o Islan, deverão Ter seu eixo ao redor da racionalidade e da democracia. Estes dois princípios não são artigos de importação, mas sim práticas concretas que respondem a regras. Com certeza, enquanto não tivermos aplicado a racionalidade à nossa própria tradição e denunciado as manifestações desta mesma tradição, permaneceremos incapazes de construir uma modernidade que nos seja própria, através da qual nos possamos inserir, como agentes e não mais pacientes, da modernidade planetária...” ( p. 30 ).

E, num ataque bem forte ao fundamentalismo, ele acentua, mais adiante, em sua pregação pela modernização do Islan que:

“de fato, o mundo árabe sofre atualmente da hegemonia de um outro tipo de irracionalismo... uma irracionalidade medieval, com todas as conseqüências que ela implica, e em especial da persistência de um tipo de relação governante-governados em que estes últimos, reduzidos ao estado de rebanho, avançam sob o cajado do pastor, na vida intelectual ou social. Ante esta irracionalidade atrasada, só o racionalismo apresenta-se como arma eficaz... Como realizar a Modernidade, sem o auxílio da Razão e da Racionalidade?” ( p. 33 ).

27. Não devemos prosseguir mais. As colocações e citações que fizemos são suficientes, nos parece, para entendermos a dinâmica do processo de guerra que o fundamentalismo islâmico radical abriu contra o Ocidente e, em especial, contra os Estados Unidos.

Os inimigos tanto do Ocidente quanto do Islan são identificados, precisamente, por Al-Jabri como:

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

“ ... os inimigos de uma concepção dinâmica da sociedade árabe-muçulmana sempre se recrutam entre os elementos retrógrados e conservadores da sociedade, entre aqueles cujo interesse étnico ou de classe incitam a fazer recuar a história.” ( p. 81 ).

É evidente que o mesmo tipo de inimigo pode ser identificado em outras sociedades, em especial na brasileira.

Mas, vamos nos ater a uma visão mais ampla que estas colocações todas nos apontam:

- 1º - O mundo muçulmano vive uma profunda crise interna, o que liberou e colocou na sua vanguarda as forças mais atrasadas e reacionárias, que representam um ponto de vista não só religioso fundamentalista, mas também Teocrático, ou seja, um Estado Instituído para a Divindade.
- 2º - Este poder, uma vez terminada a Terceira Guerra Mundial e desintegrada a antiga União Soviética, voltou-se contra o Ocidente.
- 3º - Neste processo foi declarada não uma guerra qualquer, mas uma Guerra Santa e não uma guerra entre Estados Nacionais, mas entre uma concepção teológica do mundo – o Islan, ou seja, o abandono ao deus, e os infiéis, aqueles bárbaros que não querem se entregar ao deus absoluto e autocrático.
- 4º - ao atacar de forma espetaculosa os Estados Unidos, a face mais conhecida desta militância agressiva Islâmica, a Rede El-Qaeda, terminou por provocar uma violenta reação por parte de uma liderança americana também com traços fundamentalistas e salvacionistas, que acha que a função da América ( em Deus nós confiamos ) é levar o princípio da democracia e das liberdades fundamentais ocidentais para o restante do mundo.
- 5º - Assim, estamos marchando, de forma lenta mas inexorável, para um enfrentamento de dois princípios que podemos dizer opostos: a Democracia e a Teocracia.
- 6º - Não existe precedente para este tipo de choque no Mundo Moderno. Mesmo em seu ataque contra o Ocidente e nos ataques do Ocidente ( cruzadas ) contra os Islamitas, isto se fazia num quadro de guerra entre potências.
- 7º - Agora, a guerra é fluida e diversa. Temos uma potência hegemônica em guerra contra uma entidade abstrata, a idéia mesmo de Islan.
- 8º - Isto pode evoluir para o Choque de Civilizações como enunciado pelo professor Samuel P. Huntington. Tal choque poderá levar a um desencadeamento de armas de destruição em massa de efeitos terríveis ( bombas atômicas sujas, guerra química e biológica, etc ).
- 9º - A opinião pública dos Estados Unidos parece se inclinar, fortemente, para o respaldo de sua liderança militante ( falcões ), que deseja

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

travar esta guerra no espaço geográfico extra-americano e, por isso, o avanço sobre o Iraque, sobre o Afeganistão, o esfriamento de relações com a Arábia Saudita ( seita puritana Waabita, que financia as madrasas fundamentalistas em todo o mundo ) e envolvimento americano com presença cada vez mais forte na Ásia Central ( em acordos com a Federação da Rússia ).

10º - Evidentemente, os Muçulmanos Fundamentalistas não vão tolerar estas operações em seus territórios sem dar uma resposta tanto nos Estados Unidos como na Europa, Japão, Austrália e, até mesmo, na Índia. A guerra tende, assim, a se expandir. Mas vamos entender bem uma questão: o Islan que se combate é uma entidade etérea. Com efeito, a El-Qaeda:

- a) não é um governo;
- b) não possui um território;
- c) não possui uma população;
- d) nem uma infraestrutura atacável

28. Assim, estamos diante de certas constatações a que somos obrigados a aceitar, embora sejam inquietantes.

- a ) não estaria o governo norte-americano correto em seu ataque preventivo contra o Iraque-Afeganistão, tendo em vista que em se tratando de uma nova forma de guerra ( guerra santa e não entre Estados ) as guerras mudaram radicalmente?
- b ) As tentativas especulativas de lideranças árabes e muçulmanas, de que o livro de Al-Jabri e outros são exemplos, não parece indicar que o Islan, como ideologia, sofre de uma enfermidade sociológica, que só pode ser minorada ou até curada pela introdução em seu aparato referencial-cultural, da Modernidade e da Racionalidade?
- c ) A introdução de tais mecanismos de renovação não teriam que ser efetuados dentro de um quadro democrático e não são o oposto das Teocracias, quer do Iran quer dos regimes fortes, como a Arábia Saudita?
- d ) A visão americana de mundo, não teria que combater pelos seus ideais, quando eles são não só desafiados como atacados fisicamente em seu próprio território em ação de guerra irregular e não declarada?
- e ) Não estaria o Islan lutando desesperadamente para manter um passado cristalizado totalmente incompatível com a Modernidade e – ele mesmo – um elemento decisivo pela continuidade de bolsões de miséria e inércia sócio-cultural?

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA  
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 30/09/2004  
**Considerações sobre o Terrorismo Global: a Quarta Guerra Mundial.**

- f ) O mundo do século XXI não terá que decidir se apoia o lado da Globalização, com suas promessas e dificuldades ou apoia o lado do Tribalismo, com seu passado já falido?

São estas as questões que deixo no ar para serem objeto de reflexão de todos nós, porque é certo que, a evoluírem os acontecimentos, todos teremos que tomar posição, por vontade própria ou obrigados pela própria escala dos acontecimentos.

P.S. – considero importante voltar a esta temática com mais reflexões no futuro. Desde já, porém, adianto que a centralidade de nosso pensamento deve-se colocar no problema da verdade, da mentira e da ignorância ativa, como questões de organização do pensamento, sem o que, a complexidade da luta presente ( a 4ª Guerra Mundial ), ficará, sempre, pouco entendida.